

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 20 DE MARÇO DE 1997

Senhor Ministro do Trabalho, Doutor Paulo Paiva; Dona Viviane Senna, Presidente do Instituto Ayrton Senna; Meu amigo Paulo Cabral, Presidente da Associação Nacional dos Jornais; Vice-Presidente Jaime Câmara Júnior; Senhor Ministro Clóvis Carvalho; Senhor Presidente da Federação dos Jornalistas, da Abert, das Revistas; Senhoras e Senhores,

Tenho pouco a acrescentar ao que foi dito aqui. Não é a primeira vez que ouço Dona Viviane. Ela recordou que, em 7 de setembro, houve um encontro no Palácio do Alvorada, no qual nós discutíamos a importância de marcar, na Data da Pátria, a necessidade de estarmos todos atentos para os problemas dos direitos humanos, para os problemas daqueles que mais necessitam.

Já naquela ocasião, me chamou a atenção o modo tão pessoal como Viviane Senna traz à baila os temas que ela gosta de trazer. E notei que escreveu, ela própria, à mão, o discurso que aqui acabou de proferir, o que dá um jeito tão especial à sua decisão de, através desse prêmio, chamar a atenção da sociedade para alguns dos problemas mais importantes, desafios, mesmo, mais importantes do mundo contemporâneo.

Eu queria dizer que o Doutor Paulo Cabral interpretou da maneira mais adequada essa junção necessária entre a sociedade civil, o Instituto Ayrton Senna e a preocupação das políticas públicas, que já foi aqui notada, no sentido de termos um conjunto de instrumentos de ação que permitam melhorar a condição de vida da população, bem como o reconhecimento da responsabilidade, que é comum, do Governo e da sociedade civil, não só do Instituto Ayrton Senna e de muitas outras organizações não-governamentais, mas, sobretudo, da mídia, no seu sentido mais amplo.

Creio que – e repito apenas o que tenho dito, desde que assumi o Governo, e que sempre pensei – não haverá mudança efetiva na sociedade brasileira se não houver essa convergência, se não houver, ao mesmo tempo, a capacidade de crítica, que foi aqui notada e preservada, e a vontade construtiva e que, portanto, essa crítica não seja, digamos assim, asfixiada por uma vocação, às vezes, histriônica do denunciismo. Que não se deixe de denunciar, mas que, da denúncia, resulte uma ação construtiva, uma transformação efetiva da sociedade.

E, por sorte para o Brasil, isso está ocorrendo. Está ocorrendo um relacionamento entre a sociedade, o Governo, o Estado e a mídia, a qual é fundamental. Não existe política contemporânea sem a mídia. Não existe capacidade mesmo da vontade crítica aparecer como uma vontade social se não houver um debate público, que só a mídia, hoje, é capaz de fazer. Mas essa convergência está ocorrendo no Brasil, com muito respeito, e isso é muito importante.

Ontem, recebi aqui, nesta mesma sala, representantes dos movimentos sociais que estão englobados numa reunião nova, chamada O Grito da Terra. Tive a oportunidade de reiterar o que vou dizer, de novo, hoje, aqui: que só pode haver avanço numa sociedade moderna, como a brasileira começa a ser, quando existe a convergência e, dessa convergência, não resulta a manipulação. Nem há a absorção, a cooptação, por parte do Governo, para amenizar as críticas da imprensa, ou para transformar a sociedade civil em instrumento da vontade política pura; nem há, por outro lado, a incompreensão, por parte da mesma mídia e das associações não-governamentais, da sociedade civil, no sentido de que

só o Estado é que deve atuar e tudo o que o Estado faz, o faz por um interesse político menor.

Havendo essa mútua compreensão, em níveis os mais diversificados, é que as coisas podem avançar. Aqui, isso é um exemplo. Esse prêmio visa estimular os jornalistas a que eles, de maneira crítica, mas construtiva, mostrem o que está acontecendo com a infância e com a juventude. Mas não basta mostrar. É preciso que, ao mostrar, se motive a ação daqueles que são capazes de mudar as coisas, porque mostrar por mostrar é exibicionismo. É preciso mostrar para corrigir. Acho que é esse o sentido do prêmio que está sendo aqui proposto.

Disse a Viviane que é simbólico que o prêmio tenha o nome de um herói – é verdade – e que esse herói tenha sido, de alguma maneira, incorporado ao inconsciente coletivo brasileiro. Poucas vezes assisti a alguma coisa equivalente ao que vi em São Paulo, nos funerais do Ayrton Senna, porque o País inteiro, de alguma maneira, estava ali não só chorando, estava criando um mito. Criando um mito no sentido quase grego, no sentido que se estava ali, ressaltando e ressaltando que havia uma forma de comportamento que era prezada, que o êxito de Ayrton Senna não foi o êxito pelo êxito, foi o êxito construtivo. Foi o êxito que motivou, que deu orgulho aos brasileiros e que, portanto, tinha um sentido que transcendia até mesmo a figura física, que desaparecia naquele instante, mas que renascia, naquele mesmo momento, sob uma forma mítica. Isso foi repetido aqui, e isso foi verdadeiro.

Nada é melhor, portanto, que a simbologia contida num prêmio que se chama Ayrton Senna e que tem o patrocínio do Instituto Ayrton Senna, para que todos os brasileiros tenhamos a compreensão do desafio social e para que os jornalistas, aqui tão bem representados, possam, realmente, exercitando a sua ação como jornalistas, incorporar-se a esse grande momento de transformação nacional.

Eu, como Presidente da República, tenho mais é que agradecer. Agradecer a Viviane, ao Doutor Paulo e a todos os demais aqui presentes e, sobretudo, esperar que me seja dada a oportunidade de, quando da premiação, não só ler os trabalhos que venham a ser premiados como, se for convidado, estar presente para fazer essa integração mais

direta com aqueles que são, verdadeiramente, os que dão vida à imprensa, à mídia, que é o jornalista, na sua maioria anônima.

Quem sabe, através deste prêmio, nós possamos juntar mais e mais jornalistas nessa busca de um Brasil melhor.

Muito obrigado a vocês.